AUTONOMIA INFANTIL E PEDAGOGIA LIBERTÁRIA: A ATUAÇÃO DA SOLIDARIDAD INTERNACIONAL ANTIFASCISTA NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA (1936-1939)

DOI: 10.56579/eduinterpe.v2i1.3722

Aline do Carmo Costa Barbosa[1]

E-mail: alinedocarmob@gmail.com

RESUMO: Durante a Guerra Civil Espanhola (1936–1939), a infância tornou-se foco de iniciativas educativas e assistenciais promovidas por diferentes organizações envolvidas nas disputas políticas e ideológicas do período. Este artigo analisa a pedagogia libertária desenvolvida nas colônias infantis da Solidaridad Internacional Antifascista (SIA), organização fundada pelo movimento anarquista em Valência, em 1937. O objetivo é examinar princípios pedagógicos que orientaram essas experiências e sua relação com as reflexões produzidas pela organização de mulheres anarquistas *Mujeres Libres*, especialmente quanto ao respeito à autonomia, à personalidade e às potencialidades criativas das crianças. A pesquisa baseia-se na análise histórico-documental de fontes primárias, como documentos internos da SIA, publicações da imprensa libertária e registros das responsáveis pelas colônias. Os resultados indicam que a pedagogia da SIA conferiu centralidade à infância como categoria própria e digna de autonomia, reafirmando uma educação libertária mesmo em cenários de guerra e disputas ideológicas.

Palavras-chave: Pedagogia Libertária; Infância; Guerra Civil Espanhola; Anarquismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto central as colônias infantis organizadas pela organização anarquista Solidaridad Internacional Antifascista (SIA) durante a Guerra Civil Espanhola, que constituíram uma experiência singular de cuidado e educação infantil em meio à guerra. Criadas a partir de 1937 essas colônias — também denominadas *guarderías* — não se limitaram a responder a uma emergência assistencial, mas configuraram-se como espaços de experimentação de uma nova pedagogia infantil, orientada por princípios libertários que buscavam redefinir o lugar da infância em um contexto revolucionário.

Essas experiências emergiram em um contexto marcado por intensa violência e desestruturação da vida cotidiana. A partir de julho de 1936, a tentativa de golpe de Estado para derrubar o então governo da república na Espanha, liderada por setores do exército espanhol, articulados com forças conservadoras e comandados pelo general Francisco Franco, desencadeou a Guerra Civil Espanhola (1936–1939). A resistência popular ao levante militar, protagonizada sobretudo por trabalhadores e trabalhadoras vinculados ao movimento anarquista, abriu caminho para um amplo processo revolucionário que promoveu profundas transformações sociais, econômicas e políticas, razão por tal período ser conhecido também como Revolução Espanhola.

A organização anarcossindicalista Confederação Nacional do Trabalho (CNT) desempenhou papel central nesse processo, ainda que tenha optado por uma colaboração com o governo republicano, impulsionou coletivizações, formou milícias populares e levou a cabo a organização de um poder paralelo por meio de comitês horizontais. No entanto, a opção anarquista pela colaboração com o Estado durou somente até meados de 1937. Em poucos meses, as disputas entre os grupos libertários e as organizações de orientação stalinista se intensificaram e atingiram seu ponto mais crítico em maio de 1937, em Barcelona, quando os comunistas consolidaram o controle do aparelho estatal, encerrando de forma violenta o ciclo revolucionário iniciado em 1936.

As consequências dessas disputas extrapolaram o campo político-militar e incidiram diretamente sobre a população civil, em especial sobre as crianças. Além de bombardeios constantes, deslocamentos forçados, exílios, escassez de alimentos, orfandade e ruptura das rotinas afetivas, muitas delas foram enviadas para os frontes de batalha, sendo diversos os fatores que marcaram a experiência infantil durante o conflito.

A criação de colônias infantis na retaguarda consolidou-se nesse período como uma das tantas respostas à crise humanitária que afetava dezenas de milhares de crianças. Nesse cenário, a infância também tornou-se um campo central de intervenção social, política e pedagógica, no qual se disputavam projetos antagônicos de formação humana.

A maior parte dessas colônias esteve sob a gestão de setores comunistas, especialmente o Ministério de Instrução Pública e Saúde (MIP) e em colaboração com a organização humanitária Socorro Rojo Internacional (SRI), cujas diretrizes pedagógicas se fundamentavam em uma concepção de educação infantil disciplinar, com atividades separadas por gênero, hierárquica e fortemente ideologizada, que compreendia a infância como objeto de formação política a serviço do Estado. Mas, paralelamente, as colônias organizadas pela SIA - fundada em abril de 1937 em um congresso da CNT com o objetivo de auxiliar civis e combatentes na retaguarda - afirmaram-se como uma alternativa libertária a esses modelos, disputando os sentidos hegemônicos de infância e pedagogia infantil no interior do campo republicano.

No arquivo que temos preservado dessa organização, encontramos quatro listas, de períodos diferentes, que indicam a quantidade de colônias e de crianças acolhidas. A primeira, de junho de 1938, há a relação de 11 colônias e 1788 crianças, e a última, em dezembro do mesmo ano, a lista

apresenta 19 espaços com 3228 crianças.[1] Ainda que a documentação preservada seja fragmentária e marcada por lacunas, resultado das condições da guerra e da repressão posterior, neste trabalho cruzaremos uma série de fontes disponíveis que tem permitido refletir sobre como o projeto educativo desses espaços, orientados por reflexões de mulheres anarquistas, procuraram materializar uma concepção libertária de educação infantil nesse período.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de um projeto de pesquisa cadastrado na Universidade Estadual de Goiás (UEG), intitulado "Experiências educativas libertárias: as colônias infantis da SIA (Solidaridad Internacional Antifascista) durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939)", bem como de desdobramentos da investigação de doutorado que resultou na tese intitulada "A vida infantil como potência criadora: concepções e práticas das Mujeres Libres durante a Revolução Espanhola (1936-1939), publicado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Trata-se de uma investigação documental e historiográfica, inserida no campo da História Social, cujo objetivo foi analisar as colônias infantis organizadas pela Solidaridad Internacional Antifascista (SIA) durante a Guerra Civil Espanhola, com ênfase nas concepções pedagógicas libertárias que orientaram sua criação e funcionamento.

A pesquisa foi estruturada a partir da análise principal de dois conjuntos documentais distintos. O primeiro é composto por documentação interna da SIA, consultada no acervo do da Confederação Nacional do Trabalho (CNT), disponível no International Institute of Social History (IISH) de Amsterdã. Esse conjunto inclui um plano pedagógico das colônias, circulares internas, relatórios administrativos, correspondências do Conselho Nacional da SIA, listas de colônias, atas e outros documentos de caráter organizativo. Por sua natureza não propagandística e por terem sido produzidos para circulação interna, essas fontes possibilitaram uma compreensão mais detalhada dos problemas enfrentados na criação e manutenção das colônias, das decisões cotidianas de gestão, das concepções educativas em debate e das tensões internas que atravessaram essas experiências.

O segundo conjunto documental foi constituído por reportagens, fotos e notas publicados na imprensa libertária do período, utilizados para compreender a forma como as colônias infantis da SIA foram publicamente apresentadas, legitimadas e inseridas no discurso político do movimento

[1] Relación de Colonias de SIA. CNT (Espanha) Pasta.100B.2. IISH, Amsterdã.

anarquista. Essas fontes permitiram identificar os sentidos atribuídos à infância e à pedagogia libertária no espaço público, bem como as disputas simbólicas em torno dos modelos de educação infantil em meio à guerra. Embora apresentem um caráter mais discursivo e, em certa medida, mobilizador, essas reportagens foram fundamentais para analisar a circulação social das ideias pedagógicas libertárias.

De maneira complementar, foram utilizadas autobiografias, entrevistas e cartas, com especial atenção às narrativas produzidas por mulheres que atuaram na organização e condução das colônias, muitas delas vinculadas tanto à SIA quanto às *Mujeres Libres*. Essas fontes contribuíram para acessar dimensões subjetivas da experiência educativa, evidenciar o protagonismo feminino e enriquecer a análise das práticas cotidianas desenvolvidas nesses espaços.

O procedimento metodológico adotado consistiu no cruzamento sistemático desses diferentes tipos de fontes, articulando documentos internos, materiais públicos e narrativas pessoais. A análise foi orientada por uma leitura contextualizada, atenta às condições históricas de produção das fontes, aos conflitos políticos do período, e às especificidades do movimento libertário.

"SE RESPETARÁ ESCRUPULOSAMENTE, INSISTIMOS, LA PERSONALIDAD Y EL ESPÍRITU DE AUTONOMÍA DEL EDUCANDO"[2]

Um elemento central para a compreensão da dimensão educativa das colônias infantis da SIA é a sua estreita relação com uma outra organização de extrema relevância no período, a organização de mulheres anarquistas denominada de *Mujeres Libres,* fundada em 1936. Antes mesmo da criação da SIA, essas mulheres já vinham elaborando reflexões (por meio de seu periódico próprio, a revista *Mujeres Libres*) e práticas que problematizavam o lugar da criança na revolução, defendendo o cuidado coletivo e uma educação infantil libertária e não doutrinária, como parte de um projeto social emancipatório (Barbosa, 2025).

Essas formulações influenciaram diretamente as concepções pedagógicas implementadas nas colônias da SIA, evidenciando a circulação de ideias no interior do movimento libertário. As principais mediadoras dessa relação foram Lucía Sánchez Saornil e Áurea Cuadrado, que ocuparam posições de destaque em ambas as organizações e tiveram papel decisivo na formulação das políticas voltadas à infância.

[2] Plan de guarderías SIA. CNT (Espanha), Pasta 100D.2, IISH, Amsterdã

Para situar essas propostas, é necessário considerar o debate mais amplo sobre educação anarquista na Espanha. Desde o início do século XX, o movimento libertário investiu na criação de alternativas educacionais inspiradas sobretudo nas propostas de Francisco Ferrer y Guardia e na experiência da Escola Moderna de Barcelona (Solá, 1978). A pedagogia racionalista, derivada das formulações de Ferrer, defendia uma educação científica, antirreligiosa e antiestatal, orientada pela razão e pela coeducação (aprendizado conjunto entre meninos e meninas).

Embora dialogassem com esse legado, as *Mujeres Libres* e a SIA evitaram adotar por completo as concepções racionalistas, evitando limitar suas propostas em uma pedagogia já sistematizada. Nos textos publicados na revista *Mujeres Libres*, a infância foi concebida como uma categoria social específica, dotada de racionalidade própria, sensibilidade, criatividade e capacidade de expressão autônoma (Barbosa, 2025, p.173). As autoras rejeitavam explicitamente qualquer forma de doutrinação — inclusive libertária — defendendo que as crianças não deveriam ser moldadas por projetos ideológicos adultos. Em setembro de 1936, elas escreviam na revista: "Los niños no pueden ni deben ser católicos, ni socialistas, ni comunistas, ni libertarios. Los niños deben ser solamente lo que son: niños. ¿Quién puede abrogarse la autoridad para quitarles este derecho?"[3]

A concepção das *Mujeres Libres* implicava a recusa tanto da autoridade quanto de métodos pedagógicos rígidos. Na edição nº 7 da revista, o texto "Enseñanza Nueva"[4] explicitava essa posição ao afirmar que nenhuma doutrina pedagógica — nem mesmo a racionalista — poderia ser imposta como razão suprema à pluralidade das mentalidades infantis. Defendia-se uma educação fundada na sensibilidade, na criatividade e na vocação docente, compreendendo a infância como portadora de "verdades vivas" e não como mero receptáculo de conteúdos.

Um dos nossos argumentos principais é de que essas formulações encontraram expressão prática nas normas pedagógicas das colônias infantis da SIA, especialmente a partir da leitura do documento intitulado *Plan de Guarderías*[5], apresentado por Lucía Sánchez Saornil e aprovado pelo Conselho Geral da organização em maio de 1938. O plano estabelecia como objetivo central a educação integral da criança, baseada na liberdade, na justiça, na ajuda mútua e na ausência de dogmatismos. Desde o início, afirmava-se a coeducação de gênero, a rejeição de hierarquias e

[3] "Niños, niños, niños." Revista *Mujeres Libres*, nº 5, setembro de 1936.
[4] "Enseñanza Nueva." Revista *Mujeres Libres*, nº 7, março de 1937
[5] Plan de guarderías SIA. CNT (Espanha), Pasta 100D.2, IISH, Amsterdã

uniformizações e a defesa de um cotidiano marcado por brincadeiras, descanso, cooperação e autonomia infantil.

Nas chamadas *Normas Pedagógicas*, o plano recusava explicitamente qualquer educação de tendência — política, religiosa ou filosófica — afirmando que toda escola dogmática seria necessariamente deformadora. A educação deveria ser "humana", centrada no desenvolvimento da personalidade e da potência criadora da criança, concebida como "germen fecundo" e não como recipiente passivo. Ainda que dialogasse com experiências da pedagogia ativa e com autores como Decroly, Dewey e Kerschensteiner, o plano evitava filiar-se a uma única doutrina, justamente para não limitar a diversidade das experiências infantis.

> Las escuelas de nuestros hogares han de estar limpias de todo espíritu dogmático, autoritario y partidista no solo desde el punto de vista religioso y filosófico, sino también en el aspecto político y social. Una escuela de tendencia, cualquiera que ésta sea, es necesariamente una escuela deformadora. Una educación de clase o proselitista seria en el mejor de los casos una educación parcialista y unilateral que dejaria sin cultivo y por ello provablemente sin fructificación tal vez la posibilidad más nobles y fecundas del educando. El alma de los niños no puede mutilarse com limitaciones de ningún género. Nada de escuelas proletarias o burguesas, autoritarias o libertarias, dogmaticas o racionalistas. La educación es término de tan rico y amplio contenido que toda limitación adjetival atenta gravemente contra su propia esencia. Si hubiéramos de calificarla de alguna manera, diríamos que la educación solo puede tener esta caracterista: HUMANA. (Plan de guarderías SIA. CNT (Espanha), Pasta 100D.2, IISH)

Embora breve, o plano tornava explícitos os princípios educativos já defendidos na revista Mujeres Libres, ao propor uma prática formativa desvinculada do que denominavam "ataduras pedagógicas"[6] e de qualquer forma de dogmatismo — incluindo, de maneira expressa, as próprias escolas racionalistas.

Em um duplo movimento, reafirmava a coeducação - conquista relevante dessas experiências -, demarcando distância em relação às orientações do MIP, mas, simultaneamente, recusava aderir integralmente ao racionalismo pedagógico. Caso fosse necessário qualificá-la, sustentavam que a educação deveria ser apenas humana. A partir desse horizonte humanista, a centralidade atribuída à singularidade infantil implicava a construção de práticas capazes de resguardar e desenvolver a complexidade e a riqueza da personalidade de cada criança. O objetivo era explícito:

[6] Revista *Mujeres Libres*, n º9, junho de 1937

> Desarrollar al maximo y en condiciones óptimas todas las posibilidades latentes del niño, debe ser la preocupación básica del educador, no llenar con nociones más o menos útiles o simplemente curiosas los cerebros infantiles. Se respetará escrupulosamente, insistimos, la personalidad y el espíritu de autonomía del educando.(Plan de guarderías SIA. CNT, Pasta 100D.2, IISH).

Embora seja difícil precisar o alcance dessas propostas, analisamos dois tipos de fontes históricas que nos sugerem a forma como buscaram efetivá-las. A primeira trata-se de reportagens com fotos publicadas entre agosto e dezembro de 1938 na imprensa libertária, a segunda de documentos internos da organização: inspeções, cartas ao Conselho Nacional e relatórios.

Em agosto de 1938, o jornal *Solidaridad Obrera* veiculou a reportagem intitulada "El Hogar del niño aragonés es un magnífico exponente de la meritoria obra de S.I.A. con los niños refugiados". O texto relatava a visita a uma colônia que acolhia cerca de 120 crianças, instalada em um edifício que anteriormente pertencera à aristocracia local. A matéria ressaltava a transformação do espaço e das próprias crianças: aquelas que haviam chegado fragilizadas, doentes e profundamente afetadas pelos traumas da guerra eram descritas como agora saudáveis e alegres. O ambiente era apresentado como harmonioso, sustentado por vínculos de afeto e no qual não se percebiam distinções hierárquicas,

> Durante la visita a esta espléndida y acogedora residencia infantil, todos los detalles nos han revelado que es excelente la educación y el cuidado que reciben los niños. Aparte el respeto, que es mayor por la compenetración y el cariño, no existen diferencias jerárquicas, y con ello la sinceridad y el mutuo aprecio salen fortalecidos. Los niños aprenden, y trabajan algunos ratos los mayores, con la alegría reflejada en los rostros. A la vista de los coros y al oír sus alegres canciones, recordamos con pena y con dolor a los pobres huérfanos de la sociedad burguesa, pequeños prisioneros de los hospicios, torturados en sus cuerpos y sus almas. Para continuar siendo felices, para que sean libres mañana, luchan en los frentes los hijos del pueblo contra la hiena fascista. Con su esplendorosa y humanísima obra cerca de los niños, Solidaridad Internacional Antifascista contribuye poderosamente a la creación de la nueva sociedad que anhelamos, donde habrá de reinar la felicidad y la justicia (Recortes de prensa de campañas diversas. CNT , Pasta 89C, IISH).

Em setembro de 1938 o jornal *Solidaridad Obrera* voltou a publicar dessa vez uma visita à Guardería Jardins de la Infancia, dirigida pela agrupação local da SIA em Barcelona. O texto propagandeava o funcionamento desse espaço destinado à primeira infância (2-7 anos), que abrigava 66 crianças recolhidas "en su mayor parte en los caminos y carreteras durante dolorosas evacuaciones". Segundo a reportagem, "indistintamente pueden visitarse a cualquiera de las Guarderías controladas por S.I.A, sin que se advierta, salvo su situación geográfica, la menor

distinción. En todas impera la misma inmemorable organización con idénticos y excelentes resultados".[7]

Em Madrid, uma matéria no jornal A Voz (02/12/1938) prestava reverência ao Hogar Infantil de S.I.A, instalado em uma região próxima à cidade um mês antes da publicação. Assinado por J. de A, o autor narrava sua visita com admiração ao espaço, que acolhia cerca de 80 crianças de 6 a 12 anos. Informava também que o critério para a entrada dessas crianças é que deveriam ser órfãs de combatentes, descrevendo um diálogo que havia tido com um pai que perdera seu filho, "un niño de 8 o 9 años", e levava suas roupas para os pequenos residentes da guardería:

> Así me parece – dice – que cumplo con mi deber y rindo a mi hijo el tributo de mi dolor y el recuerdo más dulce que le puedo consagrar. Pensando en mi pobre niño pienso en los demás, y ya que el desventurado no pudo ponerse estas ropas que yo compré con tanta ilusión y tantísimo cariño, que se las ponga otro. Desgracia por desgracia, aquí están juntas las dos: la de un padre sin hijos y la de unos hijos sin padre. La vida., malhaya sea! Y con esta escena que a todos nos enternece y emociona, terminamos esta que no nos atrevemos a llamar enfática y pomposamente "reportaje" y calificamos modestamente de información (Recortes de prensa de campañas diversas (CNT. Pasta, 89D.2, IISH).

Já nos documentos internos da organização, que pela natureza não propagandística podem nos dar uma dimensão mais próxima do funcionamento das colônias, temos alguns relatos das inspeções realizadas na gestão de Áurea Cuadrado, então secretária de Assistência Social da SIA e responsável pelas colônias infantis. As visitas tinham como finalidade acompanhar de perto a dinâmica dos espaços, avaliar suas condições materiais e pedagógicas e identificar problemas que deveriam ser encaminhados ao Conselho Nacional. No relatório abaixo, percebemos a preocupação com o acompanhamento das crianças e a saúde delas:

> Para clases al aire libre y ejercicios de gimnasia respiratoria pueden utilizarse las terrazas y, circunstancialmente, la playa y el campo, sobre todo para los juegos y deportes que exigen mucha amplitud […]. Las salas destinadas a clase no se encuentran tampoco muy adecuadas. Son oscuras; de capacidad reducida, notoriamente insuficiente para más de cuarenta y seis niños […]. El personal sanitario, pedagógico y subalterno está completo. Falta cubrir la plaza de lavandera […]. La colonia funciona con bastante normalidad. El delegado que suscribe tan solo se ha creído conveniente insistir en la necesidad de que las maestras y puericultoras coman y duerman con los niños, acompañándoles en sus recreos, en las horas de baño, en los paseos y excursiones y, en general, en todo momento, con objeto de que su acción protectora y educativa sea constante y eficaz […]. Se llevó a cabo por el Dr. Avellan una detenida visita médica y se trabajó en la ficha psicológica, anotando el peso, talla, estado cultural y otros interesantes extremos de los escolares […]. Hay que

[7] Recortes de prensa de campañas diversas. CNT , Pasta 89C, IISH

> consignar, no obstante, la presencia de tres niños que, aun llevando la vida normal, precisan tratamiento médico y un régimen especial que ha de buscarse en el establecimiento adecuado. En general, se observa en los niños un estado de descalcificación que conviene corregir mediante el uso de tricalcinas y otros medicamentos similares ("Visita de inspeccion a la guardería infantil 'Spain the World' de Masnou." CNT, Pasta 100B.2, IISH).

Essa mesma colônia apresentara meses antes um relatório que incluía todos os detalhes das instalações, da organização diária das atividades, das condições de saúde e do plano alimentar das crianças. O informe dizia que tinham uma enfermeira e uma puericultora formadas que conviviam "constantemente com los niños, tomando parte em sus juegos, cuidando en todo momento de su aseo personal, acompañandoles en la playa durante la hora del baño, así como en sus paseos y excursiones.[8]

No acervo fotográfico da FAL, temos registros de crianças dessa colônia brincando na praia:

IMAGEM 1 – NIÑOS DE LA COLONIA DE MASNOU EN LA PLAYA



Fonte: Masnou, 1938. Autoria Desconhecida.
Disponível em: Acervo Fotográfico da Fundación Anselmo Lorenzo, Madrid.

Para além da atuação de Áurea Cuadrado, Lucía Sánchez Saornil, na condição de conselheira geral da SIA, também mantinha correspondência frequente com as guarderías. Em uma dessas cartas, o delegado do *Hogar Infantil de Betéra* comunicava que combatentes da 25ª Divisão haviam iniciado uma troca de cartas com as crianças, com o propósito de estreitar laços de

[8] Informes de inspección y de visitas, listados y correspondencia, entre outros. CNT (Espanha) Pasta. 100B.2, IISH, Amsterdã

solidariedade entre os milicianos e os pequenos acolhidos. Ao responder, Lucía reconhecia o valor da iniciativa, mas ponderava:

> Conviene estimular esta correspondencia pero dejando siempre la iniciativa epistolar a los pequeños; para ello basta hablar a los niños de la labor del Ejército Popular hacia ellos y ésto por sí mismo los hará sentir la necesidad de expresar sus sentimientos de gratitud a los combatientes sin necesidad de coacción ni de línea de conducta impuesta. (Lucía Sánchez Saornil, "Por el Consejo Nacional de SIA". CNT, Pasta 99II.B2, IISH).

Essa correspondência evidencia não apenas o papel orientador exercido por Lucía junto aos responsáveis pelas colônias, mas também o modo com que ela procurava resguardar os princípios pedagógicos defendidos pela organização. Ao insistir que até mesmo um gesto aparentemente simples — como a troca de cartas — deveria preservar a espontaneidade infantil, buscava materializar na prática o discurso de que as crianças eram sujeitos dotados de iniciativa própria, capazes de expressar sentimentos e posicionamentos sem mediações impositivas, reafirmando a centralidade da autonomia nessas experiências educativas.

Mas esses espaços, organizados em meio a um contexto de escalada na escassez de pessoal e material, ainda que objeto de boas descrições, também apresentavam nuances. O relato de Elena Barroso, secretária das Mujeres Libres e da SIA em Valência, nos dá outra dimensão dessa experiência. Trata-se da dificuldade da *guardería* de Altea da SIA no que se refere ao funcionamento pedagógico e à falta de professores. Nas lembranças de Elena Barroso, a responsável, que era integrante das Mujeres Libres, indignava-se com o fato de que um professor havia estudado com jesuítas, comprometendo a proposta laica da educação infantil:

> Había escuela. En la de Altea estaba este que te digo yo, que había estado estudiando con los jesuitas, y que la directora de allí, bueno, la responsable de allí, era de Mujeres Libres y lo tenía en fila porque decía que eso no podía ser, y tal. Pero no teníamos profesores, no teníamos a nadie ya te digo para quitar al guardia civil tuve que llevar de Tabernes, y en Tabernes se quedaron nada más las empleadas, que eran estupendas y pudieron con el, con aquello, pero eran niños pequeños, y seguramente ya le darían clase como pudieran […] (Entrevista a Elena Barroso, 1997, Fons Arxiu de la Memòria Fundació Salvador Seguí de València)

Apesar dos problemas, durante esse período a SIA, reconhecida como a organização do movimento libertário mais capaz de promover auxílio à infância, passou a ser um espaço de refúgio que recebia inúmeros pedidos de abrigo para elas. Em uma das petições, percebemos o modo como

o modelo das colônias era não só reconhecido, mas também contrastado com de outras organizações. Um lutador da *148 Brigada Mista* afirmava que um companheiro do batalhão desejava tirar seu irmão de 11 anos de uma colônia gestionada pela SRl, alegando maus-tratos, para colocá-lo em uma colônia infantil da SIA:

> En campaña a 28 de diciembre de 1938
> Al Comité Regional de Cataluña de la S.I.A
> (…)
> Uno de los compañeros de este Batallón tiene un hermano de 11 años, en una Colonia Infantil de SRI en esta Región, y según dice, el trato que le dan no es nada de bueno que digamos; y quisiera que vosotros lo recogierais y se quedara en alguna colonia infantil de la Organización. Así es que esperamos nos digáis si hay posibilidad de ello. Sin más por esta y en espera de vuestra contestación, quedamos vuestros y de la causa. Por la Agrupación de Bon. . (Informes de inspección y de visitas, listados y correspondencia, entre outros. CNT Pasta. 100B.2, IISH)

Embora com grande capacidade de alcance, as dificuldades financeiras e a demanda pelo ingresso de crianças aumentavam a cada dia. A partir de novembro de 1938, meses antes da caída de Barcelona na mão dos fascistas, também identificamos uma movimentação contrária na correspondência de Áurea Cuadrado: um aumento substancial de pedidos de pais e mães para que a SIA pudesse retirar seus filhos das colônias e enviá-las para o exterior.

Mas ainda que a movimentação para tirá-las da Espanha tenha se intensificando nos últimos meses, até fevereiro de 1939 há uma ampla documentação que confirma que as colônias em território espanhol continuavam ativas. Quando a guerra foi declarada perdida, Áurea Cuadrado foi responsável por caminhões que carregavam crianças dessas colônias para passar pela fronteira da França (Berenguer, 2004), mas perseguida pelos agentes da repressão franquista foi impedida de estar com elas quando chegou a região de Perpgiñan.

Lucía Sanchez Saornil, que também estava na fronteira, lutou exaustivamente, sem sucesso, para que a SIA conseguisse ficar a cargo dos pequenos colonos. Em carta a Emma Goldman contava dessa grande frustração e dizia desconhecer o destino exato das crianças, afirmando apenas que havia conseguido notícias de que estavam separadas e sob a tutela de entidades católicas (Saornil, 2016). Uma das grandes lacunas dessa história é, portanto, a de informações e pesquisas que nos esclareçam o que ocorreu com as centenas dos pequenos residentes das colônias quando o regime fascista se instaurou na Espanha.

A EDUCAÇÃO INFANTIL EM MEIO AS DISPUTAS IDEOLÓGICAS DURANTE A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Ainda que interrompida de forma violenta, a experiência das colônias infantis da SIA representou uma das formulações mais radicais e menos reconhecidas sobre infância durante a Revolução Espanhola. Tais iniciativas conseguiram, por um breve período de tempo, construir alternativas paralelas aos modelos pedagógicos das colônias infantis do MIP e da SRI.

No início de 1938 o MIP publicou duas circulares destinada às "Colônias Escolares de la Infancia Evacuada" e às "Colônias Escolares y Comunidades de Educación", destrinchando horários e conteúdos metodológicos a serem seguidos nas colônias (Moscardó, Marín, 2011, p. 85). Na primeira circular, junto a imagens de alegria e beleza, a narrativa apresentava uma semântica recorrente de ordem, disciplina e boas maneiras, "El canto y la música son emoción y belleza; y los ejercícios fisicos, corrección, elegancia, buenas maneras, disciplina" (Moscardó, Marín, 2011, p.82) e terminava por afirmar a pretensão de que dessas experiências saísse uma reforma na educação nacional da Espanha.

Na segunda circular, mais extensa e detalhada, é nítido como as orientações educativas estavam pouco centradas na autonomia das crianças, além de estabelecer conteúdos que expunham um forte caráter ideológico nacionalista, orientados para a disciplina e o respeito à autoridade e à nação. O conhecimento estava centrado na figura do professor, "el maestro es el modelo que los niños han de imitar. (…) El maestro escribe para que los niños copien, dicta para que los niños escriban, habla con los niños para que vaya surgiendo lo que ellos han de escribir." (Moscardó, Marín, 2011, p.82).

Na disciplina de Direito, o grupo de alunos pequenos deveriam aprender: "El derecho de cada uno a ocupar un sitio en casa. El derecho de los niños a que les atiendan sus padres y a falta de éstos el Gobierno. […] La obediencia que deben a los que ejercen autoridad legítima: en la casa, en el pueblo, en la Nación, en el concierto de las Naciones". O grupo de medianos, "lo que la Nación facilita a los pueblos, a las familias y a los individuos que la componen y lo que estos han de dar a la Nación" (Moscardó, Marín, 2011, p. 93).

Já o grupo de maiores, deveriam aprender que "la Constituición de la República española es su ley fundamental"(Moscardó, Marín, 2011, p. 93). A seção sobre os horários das colônias determinava que aos sábados as meninas deveriam se dedicar à cozinha e às atividades domésticas

em geral e os meninos aos trabalhos práticos de Aritmética, História e Linguagem. Nas terças, os meninos deveriam ter classes de desenho, ao passo que as meninas classes de costura.

Segundo Rosalia Crego Narravo, com reações apenas de professores libertários, sob a gestão do MIP se instaurou nas colônias a ideia de uma "escola beligerante":

> se preparó al maestro y se le dieron instrucciones sobre la obligación que tenía de transmitir a los niños la ideología dominante. Abundando en esta idea, se enviaron libros de lectura a las escuelas, editados por el Ministerio y en los que el ministro Jesús Hernández les recuerda a los niños... "que no olviden a los criminales fascistas" (Navarro, 1989, p. 301)

Na revista *Mujeres Libres*, o caráter ideológico stalinista das diretrizes educacionais do MIP foi assim ironizado na seção "Palabras y Letras de la Revolución":

> se preparó al maestro y se le dieron instrucciones sobre la obligación que tenía de transmitir a los niños la ideología dominante. Abundando en esta idea, se enviaron libros de lectura a las escuelas, editados por el Ministerio y en los que el ministro Jesús Hernández les recuerda a los niños... "que no olviden a los criminales fascistas" (Navarro, 1989, p. 301).

As críticas ao modelo de educação do MIP expressam divergências que foram irreconciliáveis no campo republicano e que encontraram uma ruptura mais profunda a partir de maio de 1937. A atuação da SIA se insere justamente nessas disputas e resgatar as experiências de suas colônias infantis contribui inclusive para uma historiografia que ao não se atentar para a diversidade de ações a respeito da infância corroboraram para alguns reducionismos sobre o tema.

É o caso da questão da coeducação, que nas colônias do MIP não acontecia plenamente, com aprendizados distintos entre meninas e meninos. O trabalho de Ruiz, Ruiz-Berdún e Vázquez (2015), por exemplo, afirma que o discurso sobre o regime de coeducação desse período não encontrou eco na prática, baseando-se apenas na circular do MIP:

> Pero ¿podemos considerar la educación en las colonias escolares republicanas una auténtica coeducación? La realidad es que la educación era distinta entre niñas y niños. A las niñas se les enseñaba a coser y hacer tareas domésticas. La evidencia documental de este hecho queda recogida de diferentes maneras, Tal vez la más significativa sea la Circular nº 2 elaborada por el Consejo Nacional de la Infancia Evacuada [MIP], en la que se dan orientaciones a las colonias sobre horarios y contenidos pedagógicos [ESCRIVÁ MOSCARDÓ, 2011, p. 85-86]. En la figura 5 solo hay niños en el laboratorio y en la figura 6 dos niñas que cosen, ambas de la Colonia Antella (Ruiz et al., 2015, p. 537)

Já Cristina Moscavó e Rafael Marín, quando analisam as diretrizes dessa circular, afirmam que apesar dela, meninos e meninas tinham iguais ocupações e que "existen pruebas gráficas, en la Biblioteca Nacional, de que ambos los sexos realizan las tareas horageñas" (Moscardó, Marín, 2011, p. 100). Mas a fotografia utilizada pelos autores é justamente uma imagem da colônia da SIA, durante uma visita da anarquista Emma Goldman a uma delas:

IMAGEM 2 – EMMA GOLDMAN EM VISITA A UMA GUARDERÍA DA SIA.



Fonte: Masnou, 1938. Autoria Desconhecida.
Disponível em: Acervo Fotográfico da Fundación Anselmo Lorenzo, Madrid.

Tanto a afirmação de Moscardó e Marín (2011) quanto de Ruiz, Ruiz-Berdún e Vázquez (2015), generalizam a experiência das colônias infantis ao não inserirem as crianças nesse campo de disputas ideológicas por parte de diferentes grupos que atuaram no cuidado infantil. Dar visibilidade as ações da SIA, nesse sentido, produz uma perspectiva mais atenta à complexidade da infância em meio ao terreno disputado pelos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as colônias infantis organizadas pela SIA, este artigo buscou preencher uma lacuna historiográfica, evidenciando como o movimento libertário — em diálogo especialmente com mulheres anarquistas — construiu uma proposta educativa própria. Argumenta-se que essas colônias constituíram espaços de resistência e nos quais se ensaiaram concepções inéditas de infância e pedagogia infantil em meio à guerra e à revolução.

As fontes examinadas sugerem uma prática que, ainda que atravessada por tensões e escassez de recursos, também foi marcada por esforços consistentes de coerência entre princípios pedagógicos e o cotidiano das colônias. A defesa da autonomia, da coeducação e da ausência de dogmatismos não permaneceu apenas no plano discursivo: manifestou-se na organização dos tempos e espaços e até mesmo, como vimos com Lucía Sanchez Saornil, na recusa explícita de induzir comportamentos políticos nas correspondências entre combatentes e crianças. Tais posturas indicam que a infância era concebida não como etapa preparatória para o futuro revolucionário, mas como dimensão presente que deveria viver uma etapa específica da vida de forma autônoma e de acordo com suas próprias peculiaridades.

Ainda que a trajetória desse projeto tenha sido interrompida e que haja uma série de lacunas documentais, o olhar para essas colônias infantis abre um caminho para futuras investigações históricas a partir de uma experiência que, em meio a guerra, considerou a infância a partir de uma perspectiva própria e ensaiou novos princípios pedagógicos libertários.

REFERÊNCIAS

BERENGUER, Sara. **Entre el sol y la tormenta. Revolución, Guerra y Exilio de una Mujer Libre.** Ed. Digital: C. Carretero, 2004.

MOSCARDÓ, Cristina Escrivá; MARIN, Rafael Maestre. **De las negras bombas a las doradas naranjas. Colonias escolares 1936-1939.** Valencia: L'Eixam Edicions, 2011.

RUIZ, RUIZ-BERDÚN, VAZQUEZ. Higienismo y salud em las colonias de niños refugiados durante la guerra civil española (1936-1939), in GONZÁLEZ REDONDO, F. A. (coord.) **Ciencia y Técnica entre la Paz y la Guerra**, Madrid, 2015.

SAORNIL, Lucía Sánchez. **La cuestión femenina en nuestros medios.** – São Paulo; Santiago de Chile: Biblioteca Terra Livre; Editorial Eleuterio, 2016.
SOLÁ, Pere. **Las escuelas racionalistas en Cataluña (1909-1939)**, Tusquets Editor, Barcelona, 1978.

BARBOSA, Aline do Carmo Costa. **A vida infantil como potência criadora: concepções e práticas das Mujeres Libres durante a Revolução Espanhola (1936-1939),** 2025. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

NAVARRO, Rosalía Crego: "Las colonias escolares durante la Guerra Civil (1936-1939)", **Revista Espacio, Tiempo y Forma**, Serie V, Historia Contemporánea, 2, 1989. DOI: 10.5944/etfv.2.1989.2676.
https://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/view/2676. Acesso em: 14 fev. 2026.

"Niños, niños, niños." Revista **Mujeres Libres**, nº 5, setembro de 1936.

"Enseñanza Nueva." Revista **Mujeres Libres**, nº 7, março de 1937.

Revista **Mujeres Libres,** n º9, junho de 1937.